

“Meu Morro da Caixa não é brincadeira”: reflexões sobre o trabalho de campo na sede da
Embaixada Copa Lord

Guilherme Galdo Ruchaud¹

Resumo

Este artigo traz algumas discussões a respeito do trabalho de campo na Antropologia, desenvolvidas a partir da experiência do autor, como voluntário na escola de samba SRCS Embaixada Copa Lord, de Florianópolis/SC, durante os preparativos para o desfile de carnaval de 2018. Essa inserção em campo propiciou um grande volume de observações úteis a sua pesquisa, focada nas diferentes narrativas produzidas pela comunidade do Monte Serrat e seu papel na produção da cidade. No entanto, trouxe também uma série de reflexões a respeito da natureza do trabalho de campo, com implicações nos âmbitos da observação participante e da etnografia urbana, entre outros. A partir de um breve relato dessa experiência, precedida de dados necessários sobre a comunidade, a escola e a trajetória acadêmica do autor, este artigo traz algumas dessas questões, ora como conclusões preliminares, ora como discussões sujeitas a maior aprofundamento no âmbito da pesquisa.

Palavras-chave: Etnografia urbana, Antropologia urbana, Observação participante, Copa Lord, Monte Serrat

Keywords: Urban ethnography, Urban anthropology, Participant observation, Copa Lord, Monte Serrat

Introdução

Trago² neste trabalho um breve relato e algumas reflexões sobre minha inserção em campo, no âmbito de minha dissertação de Mestrado em Antropologia, na comunidade do Monte

1Mestrando em Antropologia pelo Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, sob orientação da Prof.^a Dr^a Louise Prado Alfonso.

Rua Alberto Rosa, 153, Porto, Pelotas/RS
guiruchaud@gmail.com

2 O recurso à primeira pessoa é uma escolha que considero pertinente de modo a situar o relato de campo no contexto do observador. Segundo Cardoso de Oliveira (1996:27), “(...) o fato de se escrever na primeira pessoa do singular – como parecem recomendar os defensores desse terceiro tipo de monografia [experimental] – não significa necessariamente que o texto deva ser intimista. Deve significar simplesmente – e nisso creio eu todos os pesquisadores podem estar de acordo – que o autor não deve se esconder sistematicamente sob a capa de um observador impessoal, coletivo, onipresente e onisciente, valendo-se da primeira pessoa do plural: ‘nós’”.

Serrat, em Florianópolis/SC, entre janeiro e fevereiro de 2018. Entre outras incursões a campo, considero essa merecedora de destaque e reflexões pela forma como se deu: pela observação participante na sede da escola de samba S.R.C.S. Embaixada Copa Lord, uma das principais referências culturais da comunidade e da cidade quando se trata do carnaval. Dada a centralidade que a Copa Lord ocupa no imaginário popular do Monte Serrat, e seguindo a indicação de minha orientadora, busquei a participação na agremiação em janeiro e fevereiro, época em que, segundo moradoras/es locais, há um grande envolvimento da comunidade nos preparativos para o desfile de escolas de samba, de modo a me inserir no cotidiano local e a propiciar o trabalho de campo entendido como “o estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento”. (Brandão, 2007:12). Essa escolha envolveu uma série de questões metodológicas, além de revelar aspectos importantes do papel exercido pela entidade no contexto da comunidade.

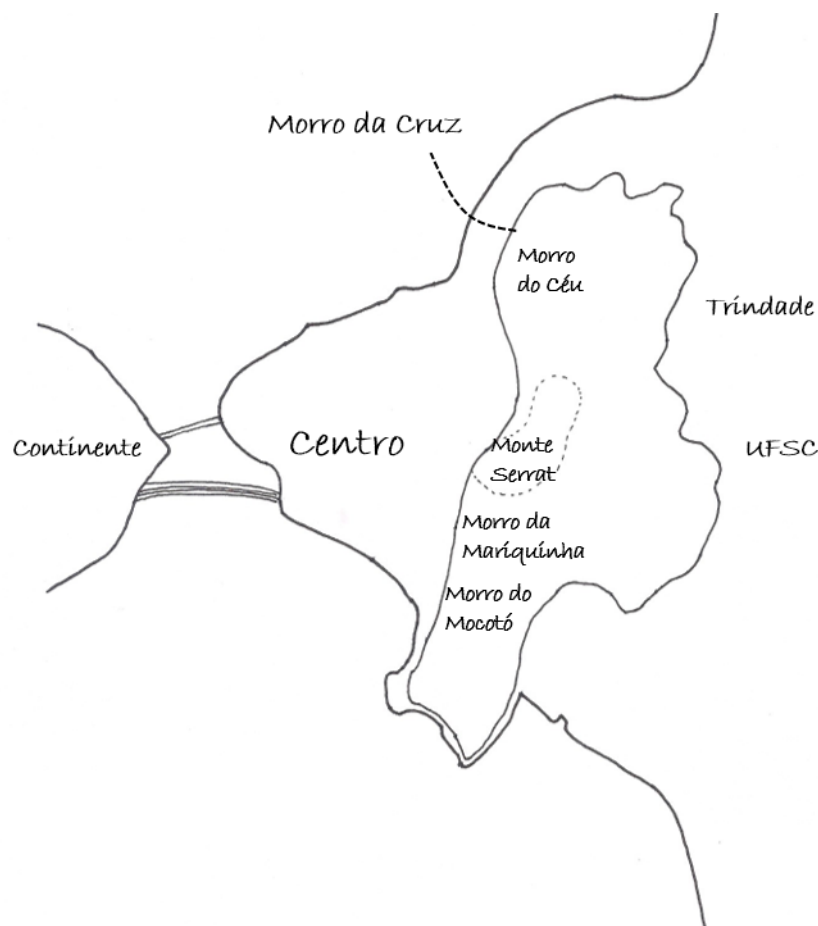
Trajetória do pesquisador

Meu envolvimento com a comunidade do Monte Serrat se iniciou em meu Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo, realizado entre 2015 e 2016 (Ruchaud, 2016). À época, tinha como objetivo investigar as diversas formas como uma comunidade tão longeva lidava com seus referenciais de memória, no contexto de uma leitura crítica do patrimônio cultural entendido como uma seleção de elementos que seriam relevantes para a construção da história e das narrativas de uma cidade, com o enfoque nos elementos que, por um motivo ou por outro, embora sejam constituintes dessa mesma história e cultura, ficam de fora da seleção. Com uma revisão de premissas e aprofundamento da metodologia de pesquisa, retornei a campo em 2017, agora sob a ótica da matriz disciplinar³ da Antropologia, para estudar as diferentes narrativas que a comunidade tem constituído sobre si historicamente, muitas vezes em oposição àquelas contadas pelo aparato institucional por

3 Refiro-me ao conceito conforme proposto por Cardoso de Oliveira. Para o autor (1970:15) “uma matriz disciplinar é a articulação sistemática de um conjunto de paradigmas, a condição de coexistirem no tempo, mantendo-se todos e cada um ativos e relativamente eficientes. À diferença das ciências naturais, que os registram em sucessão – num processo contínuo de substituição –, na antropologia social os vemos em plena simultaneidade, sem que o novo paradigma elimina o anterior pela via das ‘revoluções científicas’ de que nos fala Khun, mas aceite a convivência, muitas vezes num mesmo país, outras vezes numa mesma instituição”. Assim, as diferentes leituras possíveis para os fenômenos observados são fruto do diálogo entre diversas visões de diversas/os autoras/es, com a devida contextualização permitindo a referência a conceitos desenvolvidos em contextos muito diversos daquele onde se encontra o pesquisador.

meio do patrimônio cultural e de outras ferramentas. Assim, o recurso a determinadas entidades locais, bem como a moradoras/es com a legitimidade da fala, se faz tanto de modo a propiciar minha inserção em campo como também como forma de investigar de que maneira essas mesmas entidades, por seu papel de mediadoras⁴ entre comunidade e cidade, configuram e transmitem essas narrativas locais.

O Monte Serrat e Florianópolis



Mapa 1 – Desenho esquemático, sem escala, indicando a posição do Monte Serrat com relação ao Centro, bairros e às comunidades vizinhas circunscritas no Morro da Cruz

Fonte: Desenvolvido pelo autor

4 Adoto aqui o conceito de mediadores de Latour para compreender diversas entidades e pessoas que fazem a interface entre a comunidade e o entorno urbano, nas dimensões territorial, política, simbólica, entre outras. “Um intermediário, em meu léxico, é aquilo que transporta significado ou força sem transformá-los; definir o que entra já define o que sai. (...) Os mediadores, por seu turno, não podem ser contados como apenas um, eles podem valer por um, por nenhuma, por várias ou uma infinidade. O que entra neles nunca define exatamente o que sai; sua especificidade precisa ser levada em conta todas as vezes. Os mediadores transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculem”. (Latour, 2012:65)

Trabalhar com a comunidade do Monte Serrat é lidar, além de um vasto referencial bibliográfico, com narrativas locais que remontam às histórias de lutas e conquistas de uma comunidade formada por famílias negras, unidas em torno da luta pela sobrevivência, e com um passado repleto de vitórias (Souza, 1992; Souza, et al, 1992; Machado, 1999; Coppete, 2003; Araújo, 2006; Gomes, 2017).

A comunidade do Monte Serrat, também conhecida como Morro da Caixa, se situa no maciço do Morro da Cruz, na área central de Florianópolis/SC. O início de sua ocupação remonta à década de 1920, quando poucas famílias ocuparam as encostas do morro no contexto das reformas higienistas que expulsaram grupos empobrecidos dos entornos do Rio da Bulha, transformado na atual Avenida Hercílio Luz (Veiga, 2010), e outras migraram do interior do Estado em busca de oportunidades na incipiente capital (Souza, 1992). A ocupação foi induzida por caminhos preexistentes e pelo reservatório R0, equipamento construído em 1909 e que deu à comunidade sua alcunha de “Morro da Caixa d’Água”, constituindo-se hoje em um de seus principais referenciais territoriais e simbólicos (Souza, 1992; Machado, 1999).

As relações entre o morro e a cidade tem se modificado muito ao longo desses anos, por meio de diferentes interfaces, que começam com o trabalho das lavadeiras que lavavam roupa para clientes do Centro nos cursos d’água do morro, ainda hoje invocadas nas narrativas locais, até processos reivindicatórios organizados, mediados principalmente por meio de algumas entidades locais, como a Igreja de N. Sr^a do Montserrat, construída pela primeira vez em 1929 (Machado, 1999), e a escola de samba Copa Lord, fundada em 1955 (Blumenberg, 2005), além do Conselho Comunitário e de outros projetos de menor duração.

Nos anos que se seguiram, a comunidade do Monte Serrat obteve um grande número de conquistas hoje relatadas por moradoras/es mais antigas/os, como a pavimentação das vias, a luz elétrica, a água encanada, o grupo escolar, o posto de saúde e as linhas de ônibus, entre outros (Coppete, 2003; Anjos, 2016). Nos últimos trinta anos, se observou um importante processo de construção identitária local, que, com um forte recurso à memória de lutas e autonomia, se contrapõe às narrativas oficiais de Florianópolis, afirmando a existência e a importância dessa e de outras comunidades negras que habitam suas periferias (Machado, 1999; Araújo, 2006). Esse processo se deu paralelamente a grandes mudanças nas relações

entre a cidade e a comunidade, cada vez mais dotada de serviços públicos e infraestrutura, e mais integrada à malha urbana do Centro, de modo que esse processo de afirmação identitária pode ser entendido como um reforço das particularidades culturais locais.

A Copa Lord e o Monte Serrat



Mapa 2 – Desenho esquemático, sem escala, indicando a posição da Copa Lord em relação às vias principais do Monte Serrat e das imediações

Fonte: desenvolvido pelo autor

A S.R.C.S. Embaixada Copa Lord é a segunda escola de samba mais antiga da cidade, e a segunda maior campeã dos desfiles de carnaval locais, ficando atrás apenas da Protegidos da

Princesa, sediada no Morro do Mocotó, também no Morro da Cruz (Blumenberg, 2005). Embora possua entusiastas em toda a cidade, a escola guarda a relação com o Morro da Caixa, invocada sempre nos sambas-enredo levados para a Passarela Nego Quirido, no Centro, onde anualmente ocorre o desfile de escolas de samba. A própria relação da Copa Lord com o morro é, assim, um objeto de estudo, uma vez que, mesmo já há muito não cabendo nas fronteiras da comunidade onde nasceu, a escola segue sendo um referencial cultural essencial do Morro da Caixa, operando um importante papel de mediação que ora é entre o morro e a cidade, e ora é entre o morro e as comunidades vizinhas.

De fato, uma breve análise dos sambas-enredo entoados pela escola ao longo de seus carnavais permite observar um incremento das referências ao morro a partir da segunda metade da década de 1980, coincidindo com o referido processo de afirmação identitária por que passou a comunidade. Essas referências ganham força nos últimos anos, paralelamente a um processo de desterritorialização em que a influência da Copa Lord ultrapassa em muito as fronteiras do Monte Serrat. A sede da escola se mantém no morro, no mesmo terreno onde foi construída a primeira, e possui um papel de referência importantíssimo, mas o local é frequentado por pessoas de diversos locais da cidade ao longo do ano, reforçando o papel de interface e mediação exercido pela escola.

A Passarela Nego Quirido

O desfile de Escolas de Samba, nos moldes daquele realizado no Rio de Janeiro, em que as agremiações competem entre si pela soma de pontos em diversos quesitos atribuídos por jurados, ocorre em Florianópolis desde o ano de 1949, quando foi vencido pela mais longa e maior campeã do carnaval local (25 títulos), a Protegidos da Princesa. De fato, historicamente a Copa Lord tem estabelecido uma grande rivalidade com a Protegidos, com as duas se consolidando como as maiores da cidade, e que, portanto, envolvem em sua torcida e rede de apoio pessoas que não cabem nas fronteiras de suas respectivas comunidades. Desde sua fundação, a Copa Lord conquistou o troféu do carnaval de Florianópolis 20 vezes, incluindo o título de 2018 (Notícias do Dia, 2018).

Desde 1989, o desfile ocorre na Passarela Nego Quirido, construída no Aterro da Baía Sul, Centro da cidade, com essa finalidade específica, em substituição a vias do Centro que antes sediavam o evento. O desfile é organizado atualmente pela Liga de Escolas de Samba de

Florianópolis (LIESF), fundada em 2005 pelos presidentes das então quatro Escolas de Samba existentes na cidade – as duas supracitadas, mais a Unidos da Coloninha, do Continente, e a Consulado, da Caieira do Saco dos Limões, na área central. Desde 2009, com a inserção da União da Ilha da Magia, da Lagoa da Conceição, a LIESF tem admitido novas agremiações em sua organização. Em 2018 seis Escolas desfilariam pelo Grupo Especial – os Grupos de Acesso, que são as divisões inferiores, não desfilaram em função da redução nas verbas. Essa mesma redução também levou a uma diminuição do tamanho dos desfiles, em que cada Escola pôs na passarela um número limitado de componentes e de carros alegóricos.

A estrutura do desfile, conforme os referenciais do Rio de Janeiro que são reproduzidos em diversos lugares do Brasil, é bastante rígida e disciplinada. O desfile segue um enredo e é guiado por um samba-enredo, ambos escolhidos pela equipe de Carnavalescos da Escola, e que já tiveram as mais variadas temáticas ao longo dos anos. As/os componentes são divididas/os em Alas, que se seguem sequencialmente no desfile, identificadas por terem a mesma fantasia, referente a algum trecho do samba-enredo. Algumas Alas são coreografadas, demandando ensaios de seus componentes, e outras não; algumas Alas põem suas fantasias à venda, de modo que seus componentes são pessoas de todas as partes da cidade e que não necessariamente têm relação com a Escola ou com sua comunidade. Entre as Alas presentes em todos os desfiles, e que são coreografadas, tem-se a Comissão de Frente, a Ala das Baianas, as Passistas, as Passistas-mirins, além dos Ritmistas, Ala conhecida como “bateria”, equipe musical munida de instrumentos de percussão, essencial para qualquer desfile, que também traja fantasias. Somam-se às Alas outros elementos externos a elas, como a Harmonia, pessoas responsáveis pelo andamento do desfile, os carros alegóricos, os casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira e os intérpretes, que têm a incumbência de cantar o samba-enredo durante os 70 minutos que deve durar a passagem da Escola na Passarela – qualquer variação nesse tempo causa desconto de pontos na contagem final.

De setembro a janeiro

A escolha do samba-enredo da Copa Lord de 2018 começou em 2017, quando o enredo foi escrito em setembro pela Equipe de Carnaval (composta por quatro integrantes), e foram abertas inscrições para samba-enredos concorrentes – três composições concorreram. O samba-enredo vencedor foi escolhido em novembro, representando em versos o enredo,

intitulado “Manjerição – Um Banho de Fé”. O enredo se propõe a rememorar o papel que a folha de manjerição tem exercido historicamente, quase sempre vinculado com a fé. De acordo com o texto de apresentação do enredo, “Em tempos marcados pela intolerância religiosa, o manjerição une diferentes culturas. Com o tempo, seu uso se transforma. Porém, uma essência se mantém intacta: sua ligação com a fé e a renovação espiritual”. Não pode ser encarada como casuística a escolha de uma temática que se propõe a questionar a intolerância religiosa, vindo de uma Escola localizada em uma comunidade identificada com a etnicidade negra, em 2017. Esse questionamento, no caso, parece se dar por meio da busca por legitimação de um dos ritos associados às religiosidades de matriz africana por meio de seu papel em diversas culturas historicamente relevantes.



Figura 1 – Desenhos das fantasias afixados na sede da escola, acompanhadas de informações úteis a sua produção.

Fonte: Arquivo Pessoal

Parte da atribuição da Equipe de Carnaval foi definir que a Copa Lord desfilaria com 22 Alas, que demandavam, portanto, um desenho de fantasia para cada (e a execução do número correspondente à quantidade de componentes em cada ala), além das fantasias de ritmistas, Mestre-Sala e Porta-Bandeira, Rainha da Bateria, Rainha do Carnaval, Cidadão e Cidadã Samba, entre outros. À equipe de aderecistas que trabalha na sede da Escola, no Monte Serrat, caberia a execução de boa parte das fantasias, previamente desenhadas pelo Carnavalesco da Escola, uma das pessoas contratadas para esse processo. Em meu primeiro dia de trabalho na Copa Lord, me foi explicado que algumas das pessoas que trabalham na Escola são contratadas para essa finalidade. No caso da produção de adereços e fantasias, na sede, são cinco pessoas, que, assim, podem se dedicar integralmente a essa atividade, às quais se somam outras tantas que dedicam seu tempo livre à Escola de Samba.

Campo - Inserção

Como dito anteriormente, a opção pela participação nos preparativos para o desfile na Copa Lord veio após uma conversa com minha orientadora, em que relatei as narrativas do morro sobre a importância da escola de samba. Assim, no início do ano me dirigi à sede da escola na busca de, mais do que obter informações pontuais através de entrevistas ou conversas direcionadas, captar relações e dados por meio da observação do cotidiano e do estabelecimento dialógico de relações com as pessoas, entendidas aqui como interlocutoras/es:

[...] as perguntas, feitas em busca de respostas pontuais lado a lado da autoridade de quem as faz (com ou sem autoritarismo), criam um campo ilusório de interação. A rigor, não há verdadeira interação entre nativo e pesquisador, porquanto na utilização daquele como informante o etnólogo não cria condições de efetivo diálogo. A relação não é dialógica. Ao passo que, transformando esse informante em ‘interlocutor’, uma nova modalidade de relacionamento pode (e deve) ter lugar. (Cardoso de Oliveira, 1996:20)

Em 3 de janeiro, em minha primeira incursão a campo, quando entrei na sede da Copa Lord, fui informado que minha escolha metodológica fazia sentido, já que, de acordo com narrativas locais, nesse período toda a comunidade está “em função do carnaval”. No entanto, fui alertado por uma de minhas interlocutoras que, se meu objetivo era estudar o Monte Serrat, não me bastaria a inserção na Copa Lord, que é “apenas uma parte da comunidade”. Essa fala,

por si só, ainda me soa repleta de potenciais significados, que eu entenderia melhor em minhas incursões a campo posteriores ao carnaval.

Em um primeiro momento eu acreditava que minha relação com o carnaval facilitaria esse contato. Sou um entusiasta do carnaval de rua, e, embora possua pouca intimidade com o tema, sempre me interessei pelos desfiles de escolas de samba. No entanto, pude perceber a existência, em algumas falas locais, de uma dicotomia entre o carnaval de rua e o de escolas de samba, em que pessoas que trabalham na Copa Lord acusam o poder público de priorizar o primeiro em detrimento do segundo – de fato, nos últimos anos observamos um incremento do carnaval de rua, com o investimento de grandes empresas, em paralelo a uma diminuição dos investimentos no desfile das escolas de samba.

Alguns desafios metodológicos

Minha falta de intimidade com a prática da confecção de adereços e fantasias foi, por si só, uma questão importante, já que, sempre que me deparava com uma tarefa nova que precisava ser aprendida, a dedicação necessária a esse aprendizado me dificultava a observação do que se estava passando à minha volta e a interação com as pessoas, de modo a executar com cuidado as minhas tarefas – tanto por compreender a importância que a qualidade do trabalho possui para o desfile como também para preservar minha integridade física, já que eu lidava com materiais que demandam um uso cauteloso, como cola quente e estiletes.

Dadas essas dificuldades, tive limitações para fazer anotações *in loco*, nunca recorrendo ao caderno de campo que insistentemente carregava na mochila, e limitando-me a eventualmente anotar tópicos muito resumidos em um aplicativo de meu celular. Após um dia de trabalho, a depender do que tivesse sido capaz de observar, eu recorria ao celular na própria descida do morro, gravando áudios de elementos importantes que eu deveria anotar. Ao chegar a casa, eu ligava o computador e escrevia meus diários, eventualmente tendo de vencer o cansaço, tendo em mente que, quanto antes eu anotasse, mais vivas estariam as memórias e que, se “(...) é no processo de redação de um texto que nosso pensamento caminha, encontrando soluções que dificilmente aparecerão ‘antes’ da textualização dos dados provenientes da observação sistemática” (Cardoso de Oliveira, 1996:29), seria mais produtivo que esse processo ocorresse enquanto o que foi observado estivesse ainda fresco na memória. A impossibilidade do recurso ao caderno de campo, que no começo me fez muita falta, com o tempo foi se tornando

fácil de lidar, conforme eu exercitava outras formas de registrar, nem que fosse na memória, o que observava.

Assim, ao longo dessas cinco semanas, pude colher muitas informações que me permitiram confrontar premissas com a realidade observada e explorar novos elementos que ainda não me haviam ocorrido. Mas, além dos dados de campo, minha observação participante me permitiu reflexões acerca do próprio trabalho de campo e sobre seu papel inerente de redefinição de hipóteses de trabalho (Brandão, 2007:12). O que se segue é fruto das minhas observações, e de eventuais recursos à literatura como forma de complementação do que observei em campo.

Cotidiano

Na sede da Copa Lord, reformada em 2017 por iniciativa do jovem presidente da Escola, trabalhavam, a um mês do carnaval, entre cinco e vinte pessoas, a depender do horário. Além da cozinheira, eram quatro aderecistas contratadas/os, entre as/os quais duas, presentes em todos os momentos em que pus o pé na sede, se tornaram minhas primeiras e principais interlocutoras. Uma delas é professora na rede municipal de ensino, e outra, filha de um dos maiores Mestre-Sala e fundador da Escola de Mestre-Sala e Porta-Bandeiras da Copa Lord, ensina o ofício na referida escola. As duas desfilam quase anualmente há aproximadamente trinta anos, e tem uma dedicação imensa à Copa Lord. Ambas são moradoras do Morro da Caixa – no início eu achava que era óbvio, mas depois fui compreender que não era. Além delas, foi muito frequente dividir o espaço com uma moça jovem e com uma senhora moradora do Morro do Céu. É importante que se diga, já neste momento, que praticamente todas as pessoas a que me refiro são negras, com poucas exceções a que farei referência, como o casal responsável pelo corte de tecidos, de ex-moradores de Florianópolis, que hoje vivem no Planalto Catarinense, e que, ano após ano, pegam a estrada para trabalhar na Copa Lord.

A edificação recém-reformada da sede abriga, em seu pavimento superior, que é também o que se relaciona com a rua, em um engenhoso jogo de inserção topográfica, a Quadra da Escola, espaço muito amplo que recebe eventos e festas, e que em sua última reforma ganhou

espaço para um bar bem equipado de geladeiras, além de camarotes na forma de um mezanino, que levam os nomes de importantes integrantes da Escola ao longo de sua história. Esse espaço era raramente utilizado durante o processo de confecção dos adereços, sendo restrito ao recebimento de materiais e partes de fantasias desenvolvidas em outros ateliês, sobre os quais falarei adiante, e para o corte de tecidos. O pavimento intermediário, um pouco menor, é o ateliê, que abriga a confecção das fantasias, em duas grandes mesas encapadas com papel branco a cada dia, além de uma mesa de corte. É também onde ficam a cozinha e uma mesa de refeições. Por fim, o pavimento inferior, que antigamente funcionou como ateliê, ainda que mal iluminado e ventilado, hoje opera como um depósito de materiais diversos.



Figura 2 – Pavimento superior da Copa Lord, com algumas fantasias prontas começando a ocupar os camarotes incluídos na reforma de 2017, cada um com o nome de uma pessoa considerada importante para a história da agremiação.

Fonte: Arquivo pessoal

Relato de campo

A forma como fui recebido na Copa Lord no início de minha inserção em campo me levou a perceber que a presença de pesquisadoras/es não é um evento raro naquele lugar, o que condiz com o volume de trabalhos acadêmicos existentes não somente sobre o morro, mas envolvendo de uma maneira ou outra a própria agremiação. Esse foi um assunto em uma de

minhas primeiras conversas, com um interlocutor que compartilhou comigo brevemente sua trajetória na escola e lembrou a passagem de outra pesquisadora pela Copa Lord poucos anos antes. Foi ele um dos responsáveis por me ensinar algumas atividades, aplicadas diretamente na confecção de partes das fantasias que seriam produzidas ali. Aprendi sobre o manuseio da pistola de cola quente, onipresente na prática e no imaginário do trabalho na escola, e sobre algumas nomenclaturas como palas, costeiras, paetês, lantejoulas, isotubos, pelos, asas, entre outras. Os palas são ombreiras estruturadas por arame que são a base da grande maioria das fantasias, recebendo adornos e adereços de diversos tipos. Em alguns casos essas estruturas de arame são padronizadas, podendo, no entanto, ser encomendadas com padrões específicos de acordo com a demanda do desenho da fantasia. O arame é primeiramente revestido por isotubo, um material sintético que amortece o contato da estrutura com o corpo da/o componente, e que por sua vez é revestido de um tecido fino. Os demais revestimentos fazem com que não seja possível visualizar os isotubos ou os tecidos de revestimento. Menos de uma hora após minha chegada, já estava envolvido no ritmo da produção, diante de uma das duas grandes mesas onde se realiza o trabalho, com a televisão ligada exibindo antigos desfiles dos carnavais de Florianópolis, do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Mesmo com a receptividade generosa, no entanto, fica muito claro para qualquer um que passe um tempo na sede da Copa Lord nesse período que a prioridade é o trabalho, e por isso minha presença lá não centralizava as atenções, de modo que, para obter informações, eu deveria ter a iniciativa de puxar as conversas, caso sentisse necessidade. Ao fazer as primeiras tentativas, deparei-me com a necessidade de ter sensibilidade para perceber os momentos certos – há vezes, por exemplo, em que as pessoas estão demasiado compenetradas em suas respectivas tarefas. Mas essa situação, que poderia se observar em tantos ambientes de campo, não foi a principal dificuldade para o acesso às pessoas, e sim eu estar como um total estrangeiro em um ambiente em que todas/os pareciam se conhecer e ter uma certa intimidade. Não foram precisas muitas visitas até eu perceber que a grande maioria das pessoas que frequentavam a Copa Lord nessa época se conheciam, ou por se envolverem anualmente nos trabalhos, ou por serem vizinhas entre si na própria comunidade, embora aproximadamente metade das pessoas que trabalham lá nessa época não sejam moradoras do Monte Serrat. Ao longo do primeiro dia de trabalho, minha presença também não pareceu

despertar o interesse de quem chegava para trabalhar depois que eu já havia sido apresentado no início do dia, e assim foi ao longo de todo o período.

Entendi que a minha categoria ali, mais do que de pesquisador, naquele contexto, era de *voluntário* – categoria a que já pertenceram quase todas/os as/os que hoje trabalham de forma remunerada nessa atividade, e que mediou alguns contatos por meio do ensino e aprendizado de algumas práticas, ora quando eu requisitava ajuda, ora quando era evidente demais a minha falta de intimidade com esse trabalho. Raramente, no entanto, eu conseguia que esses pequenos momentos se desdobrassem em conversas mais direcionadas às temáticas do meu trabalho, já que rapidamente aquela/e a que me auxiliara retornava a seu posto de trabalho. Embora eu não percebesse uma diferença de tratamento durante a rotina de trabalho, havia sempre um agradecimento geral quando eu me despedia, como quem reconhece que eu estava trabalhando duro pela escola mesmo sem ter a obrigação, reforçando a categoria de *voluntário* que percebi e abracei. Esse meu estatuto me permitia expressamente chegar e ir embora na hora em que desejasse, bem como não ir todos os dias da semana – de fato só o fiz na semana final, alternando as demais entre a presença em campo e outras práticas acadêmicas em casa.

Não sei dizer em que momento foi que eu e as pessoas que frequentavam a Copa no dia-a-dia nos conhecíamos como colegas de trabalho, mas eventualmente aconteceu, sem que necessariamente eu tivesse de ser apresentado a cada um/a, apesar de minha insegurança inicial. Ao longo dos dias de trabalho, as refeições (almoço e café da tarde), preparadas todas pela cozinheira que trabalhava incansavelmente, e servidas em uma mesa coletiva, eram um momento de descontração em que eu mais ouvia do que interagia. Nesses momentos específicos, minha presença ganhava um novo estatuto, como se fosse uma visita – se eu me demorasse a me juntar à mesa por estar concluindo alguma tarefa, meu nome era chamado em voz alta, no que interpreto como um convite carinhoso que também me diferenciava das/os demais.

Nos primeiros dias eu tinha a sensação de estar tendo pouco progresso. Passava muito tempo focando na prática do trabalho para fazer tudo bem feito, sem conseguir interagir demais ou anotar o que quer que fosse por essa razão, e no fim do dia de trabalho já estava muito cansado. As conversas não pareciam se desenvolver, mesmo quando eu conseguia me integrar

por meio de assuntos como o futebol e o carnaval do Rio de Janeiro, com o qual tenho alguma intimidade – para minha surpresa, a coordenadora geral das adrecistas, e minha principal interlocutora, é torcedora da mesma Escola que eu, a Unidos do Viradouro, o que me divertiu e me permitiu algumas aproximações.

Nesses primeiros dias, na dificuldade de obter interação, busquei aguçar minha percepção do que observava, e de fato foi possível desenvolver hipóteses relevantes a respeito do papel da Copa Lord na urbanidade e no imaginário da comunidade, do uso dos diferentes espaços, bem como de outros assuntos que eram mencionados durante o dia de trabalho ou nas refeições, e que eu eventualmente buscava dar seguimento quando percebia interesse para meus estudos. Notei que, assim, sem interromper o trabalho em um momento tão caro a essas pessoas, eu poderia me aproximar e compreender melhor as dinâmicas locais, e decidi deixar para depois do carnaval eventuais entrevistas formais, lembrando que, de acordo com Brandão (2007:27), “(...) numa pesquisa, muitas vezes, a coisa mais importante são as respostas que não foram perguntadas, as coisas que fluem e saem livremente”. Nesse sentido, procurei frequentar o local em diferentes horários e dias da semana (incluindo sábados e domingos) para observar diferentes relações, o que se revelou mais importante do que eu imaginava, até porque me permitiram perceber as dinâmicas nas próprias ruas da comunidade.



Figura 3 – Pistola e tubos de cola quente e transmissão de desfile na televisão: o cotidiano do trabalho na sede da Copa Lord

Fonte: Arquivo pessoal

Assim, uma vez que essa relação se tornou mais natural, e que meu envolvimento nas atividades práticas demonstrava meu comprometimento com a escola, a confiança veio naturalmente e foi possível notar algumas mudanças nas relações com as pessoas. Em dois momentos que considero simbólicos, fui convidado para descer o morro junto com integrantes da escola em direção à Passarela Nego Quirido para o Ensaio Geral; e também para, na sexta anterior ao carnaval, comparecer à sede para comer um churrasco e tomar umas cervejas. Em ambas as situações, mais do que os dados de campo que pude obter, entendi que estava cultivando boas relações, que, além de potencialmente úteis para a pesquisa, indicam que meu envolvimento com a escola estava de fato sendo reconhecido,

Essas situações trazem a ideia de que, na Antropologia, a noção de restituição muitas vezes não está separada do próprio trabalho de campo. O debate sobre a restituição, invocado principalmente quando o campo de pesquisa envolve grupos em processo de exclusão, com carências ou conflitos, muitas vezes tem se centrado em ações posteriores à realização do

trabalho de campo, como se a restituição fosse entendida como uma espécie de agradecimento pelo envolvimento das/os interlocutoras/es. Trata-se de um debate recorrente tanto na Arquitetura e Urbanismo, minha área de origem, como na Antropologia. No primeiro caso, tem sido uma questão menos aprofundada, e mais focada na realização de ações práticas envolvendo o ofício da/o arquiteta/o, notadamente em intervenções nos espaços públicos e privados da localidade estudada. No segundo caso, é frequente que, às pequenas intervenções nos espaços, somem-se ideias como a apresentação do trabalho para a comunidade, seja por meio de exposições ou de debates. Em ambos os casos, é nítida a preocupação em não expor as pessoas e tomar-lhes seu tempo e disposição sem que lhes seja devolvido algum benefício, bem como não criar a expectativa de benefícios maiores do que aqueles que sejamos capazes de entregar por meio dessa restituição. No entanto, essa estada em campo me fez questionar se a observação participante não propicia a possibilidade de romper essa divisão, de modo que o envolvimento no cotidiano de uma atividade cara àquelas pessoas não possa já ser entendida como uma forma de restituição, que cabe à/o pesquisador/a avaliar se é suficiente nos termos de uma troca justa. Em todo caso, essa discussão merece maior aprofundamento, e cabe aqui no nível da reflexão.

Nos últimos dias antes do desfile, algumas mudanças sensíveis ocorriam tanto no ambiente de trabalho como na minha relação com as pessoas e com a Escola – foi a única semana em que compareci todos os dias, e trabalhei por muito mais tempo. Nesses últimos dias é muito difícil não se deixar envolver pela intensidade da presença do grande dia que dá significado a todo aquele trabalho – e, para algumas pessoas, ao ano inteiro. A sede da Copa Lord permanecia um pouco mais cheia de gente do que o habitual, entre pessoas trabalhando e outras visitando com finalidades diversas, entre moradoras/es vindo dar uma ajuda ou outra e pessoas envolvidas em outras partes da produção.

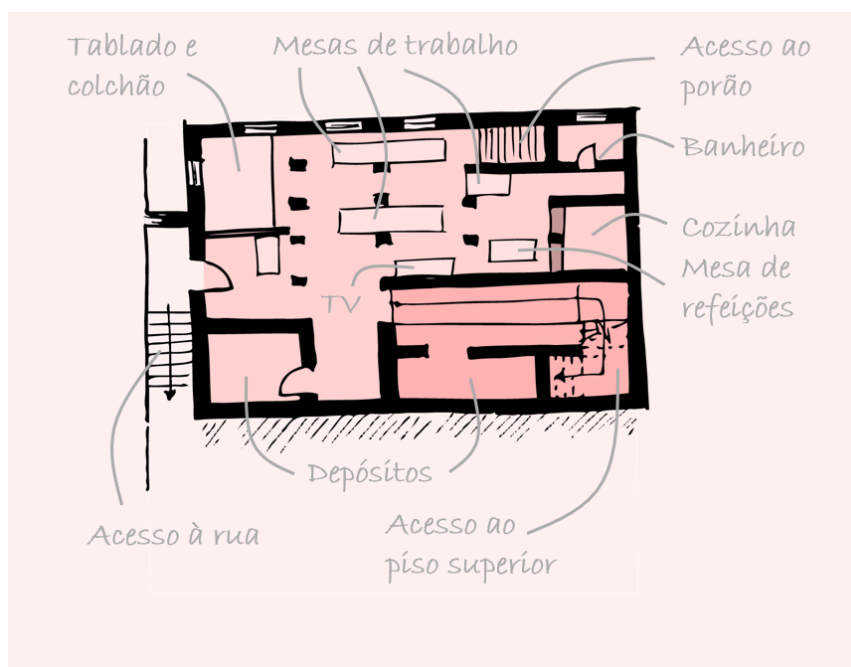
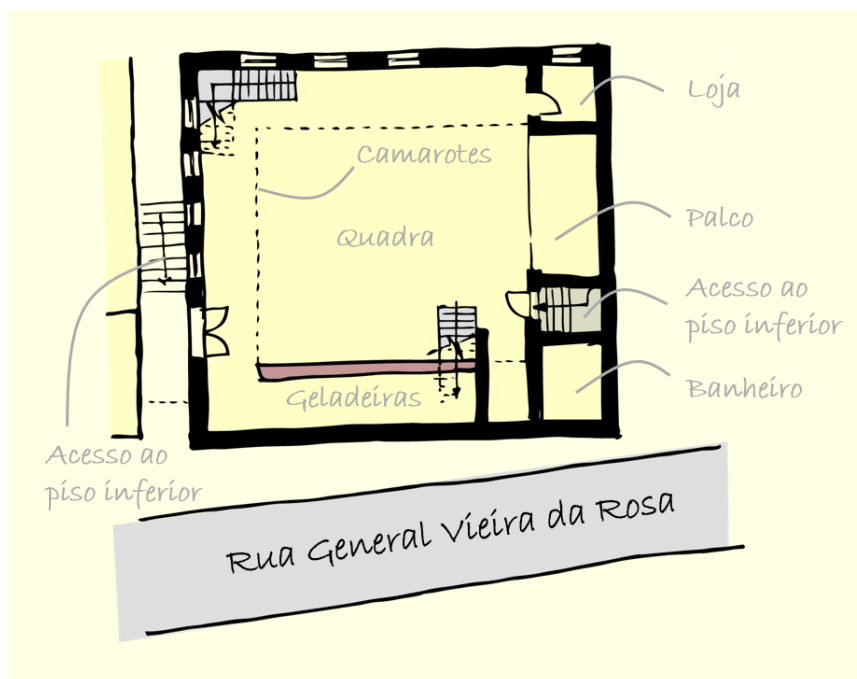
Depois de quatro semanas frequentando o espaço e mantendo um certo distanciamento, embora com comprometimento, nessa última passei a compartilhar a expectativa. Na sexta-feira de carnaval, no afã de concluir uma atividade de última hora, e influenciado pelo visível cansaço de minhas interlocutoras (ou colegas de trabalho?) que haviam trabalhado muito mais do que eu ao longo de todo o período, acabei tendo um dos tão relatados acidentes com cola quente, fazendo uma queimadura no polegar direito, que agilizou pelo menos três pessoas em meu socorro e me liberou das atividades naquele último dia. Nessa tarde entendi que a forma

como a presença do desfile me afetou na última semana não devia ser vista como um deslize que me distanciou de meu papel de *pesquisador*, mas sim como um dos “afetos” a que se refere Favret-Saada (2005), e que, portanto, deveria ser parte da discussão resultante da leitura dos dados.

O sábado de carnaval, dia do desfile, foi muito agitado na sede da Escola, já que, durante a manhã, foram entregues as fantasias para componentes que as haviam comprado para desfilar à noite. Havia muito movimento de veículos entre o acesso à comunidade e a sede da escola; e, de lá para cima, a movimentação típica de uma manhã de sábado somada a um bloco de carnaval que começava a se agitar em uma das ruas locais. Minha passagem foi breve: cumprimentei as pessoas, mas, como não tinha muito no que ajudar, fui para casa, onde tentei dormir durante a tarde para ter energias para o desfile, durante a madrugada. O desfile por si só renderia outro artigo, mas, dada a limitação e o recorte temático deste trabalho, limito-me a dizer que, embora tenha sido realizado debaixo de chuva forte, rendeu à Copa Lord seu primeiro título desde 2010, muito festejado na sede e nas ruas do Monte Serrat.



Figura 4 – Comemoração do título após a apuração na Passarela Nego Quirido
Fonte: Notícias do Dia



Figuras 4 e 5 – Plantas-baixas esquemáticas dos pavimentos superior e inferior e sua organização interna durante o período de inserção em campo

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Discussão

Ao longo de minha permanência em campo me foi possível perceber que a Copa Lord, embora guarde um vínculo essencial com o Morro da Caixa, já não pode ser percebida apenas como uma parte do Morro da Caixa. A rede mobilizada pelos preparativos para o Carnaval vai muito além da comunidade. Entre as pessoas que trabalham cotidianamente em sua sede, e com quem pude interagir ao longo dessas cinco semanas, pude notar que a maior parte delas não são moradoras do morro, mas sim de outras comunidades vizinhas, e até mesmo de bairros distantes. Segundo minha principal interlocutora, a comunidade se envolve mais no próprio desfile, quando “outras comunidades negras do morro” também se envolvem. No entanto, no processo de preparação para o desfile, é possível notar que a Copa Lord se insere em uma escala de cidade, em que o vínculo permanentemente reforçado nos sambas-enredo com a comunidade do Morro da Caixa é significativo de uma reafirmação de fronteiras simbólicas frente a processos de diluição dessas. Sobre esse processo cabe uma breve discussão.

Embora as fronteiras entre a comunidade e o restante da cidade não existam no nível político-administrativo, há uma série de elementos que a configuram e reconfiguram ao longo da história. A formalidade do acesso à terra, os grupos étnicos, a origem das/os moradoras/es, as formas de ordenamento do território, entre outros tantos aspectos menos objetivos, vão conformando formas de habitar o território, que, embora referenciadas nas áreas vizinhas, adquirem características marcadamente próprias e que os distinguem e conformam fronteiras definidas por identidades étnicas conformadas pelos próprios atores (Barth, 2000). Essas fronteiras, assim, embora muitas vezes também possuam uma contrapartida físico-territorial, como é o caso das curvas de nível que conformam o Maciço do Morro da Cruz, se referem muito mais a “fronteiras sociais” (Barth, 2000:34), e tem sido mediadas por uma série de atores e entidades que se situam nessas fronteiras. As narrativas dominantes locais nos ensinam que, ao longo da história de Florianópolis, essa fronteira tem se modificado muito. Assim, nas primeiras décadas após a ocupação do morro elas eram muito mais definidas, pelas poucas famílias que habitavam a comunidade, por uma homogeneidade étnica, pelas

ocupações dessas famílias e pelas diferenças marcantes em sua materialidade com relação à da cidade formal. Nos últimos anos, ainda segundo essas narrativas, e também de acordo com o que tem sido possível perceber, essas fronteiras tem se modificado, conforme a comunidade passa a integrar cada vez mais a malha urbana da cidade. O morro, assim, ganha mais legitimidade política por meio da atuação das entidades locais, moradoras/es passam a frequentar espaços antes restritos, como a universidade e empregos formais, os serviços públicos e a infraestrutura urbana passam a atender o morro, e sua materialidade torna-se cada vez menos diferente da de bairros da cidade formal. Enquanto esse processo se desenvolve, diluindo fronteiras antes bem desenhadas, estratégias políticas demandam a reafirmação da diferença, no contexto das pautas identitárias e da demanda pela compreensão das particularidades das demandas locais, sob uma narrativa de valorização da cultura local, que inclui a Copa Lord como um dos grandes patrimônios culturais distintivos do Morro da Caixa. De acordo com Barth (2000:59), “(...) uma drástica redução das diferenças culturais entre os grupos étnicos não se correlaciona de maneira simples com uma redução na relevância das identidades étnicas em termos organizacionais ou com uma ruptura dos processos de manutenção de fronteiras”.

De acordo com a cozinheira da Copa Lord, que também é moradora local e desfila pela agremiação há décadas, a própria comunidade não se envolve tanto nos preparativos. Segundo ela, os mais jovens estão muito desinteressados do “samba de escola”, preferindo outras atividades de lazer. Somando-se essas falas ao fato de boa parte da produção ser feita em outros espaços da cidade, mesmo fora da comunidade, é possível perceber que a relação entre a Copa Lord e o Morro da Caixa está profundamente inserida em uma dimensão simbólica, com a própria localização da sede e as referências à origem da Escola na comunidade sendo as principais ligações que subsistem, mesmo em um tempo onde a Copa Lord já rompeu as fronteiras locais para se tornar um referencial cultural da cidade como um todo.

Essa situação me remeteu a uma fala de um dos moradores mais antigos da comunidade e membro da Velha Guarda da Copa Lord, em meu campo em 2015, quando ele afirmou, depreciativamente, que a comunidade já não se envolve mais, e que muitos só trabalham para a Escola de Samba se forem remunerados, em oposição a outra época, romantizada pelo meu interlocutor, em que a comunidade se envolvia ativamente, inclusive virando a madrugada sem dormir se fosse o caso. Ainda que, para esses moradores mais antigos, a situação pareça

ter mudado muito, as narrativas de entrega e doação pela Escola seguem muito vivas. Nas falas locais, o empenho e a dedicação, e mesmo o sofrimento, expresso nas noites viradas, em cortes acidentais com estilete e inúmeras queimaduras com cola quente, aparecem com uma valoração moral que opera na legitimação da entidade, de maneira talvez análoga àquela em que os mutirões de autoconstrução aparecem na memória de moradoras/es mais antigas/os como reforço dos laços de solidariedade e da força da comunidade para resistir às adversidades.

A relação da Copa Lord com a cidade foi muito bem abordada pelo fiscal da Prefeitura que foi visitar a Escola durante uma tarde em que eu estava lá. Esse evento merece uma breve discussão: é a primeira vez em que a Prefeitura envia fiscais para verificar se os recursos públicos investidos nas Escolas estão sendo destinados corretamente. A posição de minhas interlocutoras a esse respeito foi de aprovação e respeito pela atitude da municipalidade. As relações entre a Escola (e a comunidade) e o Estado, nas falas locais, não me pareceram em nenhum momento remeter a uma postura de vítima ou de ausência de assistência, com os discursos normalmente reconhecendo o papel do Estado (na fiscalização, mas também na não concessão de permissão para ensaios públicos no Centro em razão do atraso no envio da documentação por parte da diretoria da Copa Lord) e responsabilizando a própria Escola por seus erros, em uma postura de afirmação de autonomia que condiz com as narrativas dominantes da comunidade. O fiscal, no evento referido, chegou acompanhado de outro, e relatou ele próprio ser torcedor da Copa Lord. Em sua fala bem-humorada, ele comparou o torcer para uma Escola de Samba a torcer por um time de futebol, escolha para a qual “não tem muita explicação, é sentimento, né?”.



Figura 6 – Casa do Monte Serrat ornamentada com bandeiras alusivas à Copa Lord

Fonte: Arquivo pessoal

O reforço da relação entre a Copa Lord e o Morro da Caixa, diante dessa situação, se dá de diversas maneiras. Desde o samba-enredo de 1989, passando pelo de 1995, a comunidade tem sido cada vez mais referenciada nas letras dos samba-enredos (Blumenberg, 2005). O samba-enredo de 2002, que logrou à Copa Lord um título dividido com a rival Protegidos da Princesa, tinha como título “Negro em Desterro”, e trazia um enaltecimento do papel das populações negras na cultura da cidade. Esse samba é representativo de um momento do reforço das pautas identitárias, e em 2018 foi cantado pelo intérprete e pelos componentes antes de todos os ensaios, ficando marcado como um samba-enredo histórico, o que indica a centralidade que a etnicidade negra tem tido na construção da identidade do Monte Serrat nos últimos tempos. Outros sambas recentes tem a comunidade no centro de suas temáticas, como o de 2005, ano do centenário da Escola, e o de 2016, que traz Dona Uda, uma das matriarcas da comunidade, como forma de enaltecer o papel histórico das mulheres na constituição do Monte Serrat. Outros sambas marcantes das décadas de 2000 e 2010, que tratam das temáticas mais variadas (ainda que quase todas lidando com aspectos da cultura de Florianópolis), tem

trazido o nome da comunidade – preferindo “Morro da Caixa” a “Monte Serrat” – em suas letras. De fato, o vocábulo mais usual nas referências cotidianas à comunidade tem sido “morro”, com “comunidade” e “bairro” sendo acionados raramente, e “favela” se restringindo a sambas-enredo muito antigos, notadamente o de 1989 (Blumenberg, 2005).

A Copa Lord, assim, tendo extrapolado as fronteiras do morro e ganho legitimidade perante a cidade, tem absorvido o papel de representar o Monte Serrat perante a sociedade florianopolitana, reproduzindo por meio dos sambas-enredo as narrativas locais construídas nas últimas décadas, além de abordar temáticas caras a sua população e de sempre reforçar a riqueza cultural do Morro da Caixa. Mesmo no samba-enredo de 2018, que traz a importância do manjerição na história das civilizações no mundo inteiro, o refrão é categórico: “Dando um banho de fé eu levanto a poeira, meu Morro da Caixa não é brincadeira!”. Dentro desse reforço identitário promovido pela Copa Lord, esse trecho (e quaisquer outros que tragam a comunidade) era cantado a plenos pulmões por moradoras/es da comunidade nos ensaios e no desfile, por vezes acompanhado de gestos como bater no peito e apontar o chão com o indicador, afirmando simbolicamente o orgulho de pertencer a essa comunidade.



Figura 7 – Ensaio da Copa Lord na Praça XV de Novembro, um dos momentos mais importantes que precedem o desfile oficial.

Fonte: Arquivo pessoal

A relação da sede da Copa Lord com a comunidade também ajuda a compreender essa complexa rede de relações. Em primeiro lugar, observei que a forma como sua materialidade é tratada ajuda a compreender a forma como a comunidade lida com seus referenciais histórico-culturais. De forma oposta àquela como o Estado trabalha a noção de patrimônio cultural, é possível inferir que a percepção de valor para a comunidade não implica em um congelamento da construção, pelo contrário: a alteração de sua materialidade opera em um sentido de reforço de sua importância. A reverência aos valores envolvidos na construção das formas anteriores tem lugar nas narrativas orais e em elementos como os nomes de pessoas importantes para a história da Escola imortalizados nos camarotes; mas o reconhecimento da importância das práticas do passado não requer que as pessoas sigam habitando espaços do passado. Assim é que as configurações antigas da sede atual são lembradas com carinho mas como desconfortáveis, em oposição à atual, que traduz muito melhor a importância da entidade para o morro. Situação análoga ocorre com outras tantas construções, como a igreja, reformada na década de 1980, e mesmo as casas, que, em constante reforma, vão deixando de remeter aos processos de mutirão reverenciados por moradoras/es antigas/os sem que isso traga prejuízo à memória coletiva. A esse respeito, sempre que eu perguntava sobre as

configurações antigas da sede, ouvia falas sobre desconforto, principalmente pela falta de espaço e pelo calor.



Figura 8 – Sede da Copa Lord em sua configuração atual, resultado da reforma realizada em 2017.

Fonte: Arquivo pessoal

A sede da Escola desempenha, na urbanidade do Morro da Caixa, um papel também complexo. Sua importância simbólica, embora diluída em meio às demais construções do bairro, é nítida, ainda mais após a reforma, com o incremento de sua volumetria, cada vez mais contrastante com as das construções vizinhas. No entanto, algumas questões são colocadas em termos das relações urbanas cotidianas da sede no morro. Enquanto o pavimento superior, recentemente ampliado, parece desempenhar um papel simbólico muito grande, abrigando poucas tarefas práticas e sediando eventos, os pavimentos inferiores abrigam uma espécie de manufatura, mas que vai além disso. A porta principal da sede, voltada para a rua no pavimento superior, permanece fechada durante o dia-a-dia, com o acesso ao pavimento inferior sendo realizado por uma pequena escada que conduz a uma porta de serviço. Para as pessoas que o frequentam no seu cotidiano, o ateliê localizado nos

pavimentos inferiores por vezes parece comportar-se quase como um misto de sala de estar e clube social, sendo um lugar onde as pessoas assistem a programas televisivos, almoçam, jantam, fazem churrasco e bebem cerveja aos fins de semana, e mesmo cochilam após o almoço ou durante a tarde em dias exaustivos, em colchões estrategicamente ocultos por painéis de madeira. Naturalmente, essa condição é aquela que pude observar na atualidade, sendo provavelmente reconfigurada conforme a cidade se constrói no cotidiano.

A diferença entre os dois pavimentos se fez notar, particularmente, em uma situação em que fui convidado para comer uma carne e tomar uma cerveja na sexta-feira anterior à do carnaval. Nessa noite, as cervejas haviam sido guardadas nas geladeiras do pavimento superior enquanto as carnes eram assadas em uma churrasqueira portátil no pavimento inferior. No entanto, nesse meio tempo, o presidente da Escola iniciou uma reunião com o presidente da Protegidos, realizada no pavimento superior, clarificando seu caráter simbólico. Embora o espaço seja muito amplo, e os dois presidentes estivessem sentados a uma mesa bastante distante das geladeiras, as aderecistas, que me haviam convidado para a confraternização, pareciam sentir-se impedidas de ir buscar as cervejas em função da reunião. Após um tempo, me pediram que, acompanhado de um outro rapaz, que também é contratado da Escola, fosse buscar as cervejas mesmo que isso atrapalhasse a reunião, após muito tempo transcorrido. O próprio presidente não pareceu se importar com a interrupção, descendo após alguns minutos com seu interlocutor para confraternizar de forma bem humorada.

As limitações do acesso ao pavimento superior, mesmo por parte de pessoas que se dedicam integralmente à Copa Lord, ainda me intriga. Só recorremos de fato a essa área da sede na semana final, quando as fantasias finalizadas foram armazenadas nos camarotes, por uma questão de espaço, mas também porque as pessoas que as compraram foram busca-las na manhã do dia do desfile, sendo recebidas, portanto, no espaço mais simbólico da sede. Nesse dia, o papel de “fronteira” exercido pela Copa Lord parece reforçado, uma vez que carros vindos de diversas partes da cidade sobem o morro somente até o ponto onde se localiza a sede da Escola. Não parece casuístico que o mapa feito por Souza (1992) com os limites do Monte Serrat não incluía a Rua General Vieira da Rosa em sua totalidade, mas sim somente da sede da Copa Lord em diante, situando seu trecho inicial como parte do Centro da cidade.



Figura 9 – Troféus exibidos sobre o pavilhão da escola, no pavimento superior da sede.

Fonte: Arquivo pessoal

Muitas outras questões abordadas nesse breve trabalho de observação participante poderiam contribuir para esta discussão, inclusive relativos ao momento do desfile, apoteose desse trabalho complexo, mas acredito ter trazido elementos suficientes para o momento em que se encontra a pesquisa, de início e definição de objetivos. Acredito que o recurso a outros elementos que se comportam como mediadores, como a igreja, a escola, o posto de saúde e outros equipamentos de uso coletivo, além das próprias vias públicas, podem trazer novas questões e respostas para pensarmos as relações entre o Monte Serrat e a cidade, bem como a presença das narrativas dominantes e uma eventual refiguração dessas em função da alteração dessas relações.

Considerações finais

Os diferentes campos com que podemos nos deparar na Antropologia invocam uma variedade tão grande de possibilidades de inserção que é muito difícil que possamos lidar com fórmulas. É muito mais a variedade de experiências que pode nos ajudar a exercitar a criatividade e a traçar as estratégias mais apropriadas a cada contexto, as quais provavelmente terão de sofrer revisões provocadas pelo andamento do trabalho de campo. A imprevisibilidade pode ser

entendida, assim, como uma espécie de dado de antemão oferecido pelos mais diversos contextos.

Outro elemento que parece se oferecer como dado prévio é a dificuldade de se traçar uma divisão clara entre pesquisa, observação, entrevista, participação e restituição. Mais uma vez, cada contexto deve guiar a percepção sobre até que ponto o envolvimento da/o pesquisador/a no ambiente estudado pode ser tido mais como uma observação ou participação; se esse envolvimento constitui uma forma de restituição, ou se outras alternativas devem ser pensadas; se as interlocuções pelo convívio em campo podem sanar as questões mais importantes para o trabalho ou se entrevistas formais complementares devem ser marcadas; entre outras fronteiras pouco claras que se apresentam. Esses questionamentos e suas respostas só podem ser apresentadas pela interação em campo, bem como outros tantos dados que, imprevistos, podem mesmo redefinir premissas e objetivos do trabalho.

No entanto, é importante contabilizar que a nossa percepção a respeito do campo estudado também será agenciada pelo ambiente ou atividade específica em que nos envolvamos, como é o caso de quem passa um mês interagindo com moradoras/es da comunidade que se dedicam à escola de samba, e não com aquelas/es tantas/os que, por um motivo ou por outro, não se relacionam com a agremiação. A depender dos objetivos da pesquisa, outras formas de envolvimento podem ser demandadas para constituir diferentes visões, ou simplesmente deve-se levar em conta essa limitação na análise dos dados.

Por fim, a inserção em campo por meio de um espaço (físico e simbólico) que envolve tantas paixões traz uma série de desafios que devem ser levados em conta e discutidos antes e depois. Para mim, não se trata de evitar a todo custo o envolvimento afetivo com o espaço ou atividade onde nos envolvemos, até porque essa postura pode limitar possibilidades e contatos. Trata-se, assim, de saber “conceder estatuto epistemológico a essas situações de comunicação involuntária e não intencional” (Favret-Saada, 2005, p. 160), processo que faz parte da reflexão sobre os dados obtidos em campo, entre os quais encontra-se a forma como nos deixamos afetar.

Referências

- ARAÚJO, Camilo Buss. 2006. *Os pobres em disputa: Urbanização, política e classes populares no Morro da Caixa d'Água, Florianópolis - anos 1950 e 1960*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado em História. UFSC.
- BARTH, Frederick. 2000. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- BLUMENBERG, Abelardo Henrique. 2005. *Quem vem lá?: A história da Copa Lord*. Florianópolis: Garapuvu.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 2007. *Reflexões sobre como fazer trabalho de campo*. Sociedade e Cultura, vol 1:11-27.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1970. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1996. *O trabalho do antropólogo*. Revista de Antropologia, vol 39:14-32.
- COPPETE, Maria Conceição. 2003. *Janelas abertas: Uma experiência de educação no morro Mont Serrat*. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005. *Ser afetado*. Cadernos de Campo, vol 13:155-161.
- GOMES, Rodrigo Cantos Savelli. 2017. *MPB no Feminino*. Curitiba: Appris.
- MACHADO, Marta Magda Antunes. 1999. *Palavra feminina na periferia da igreja: A participação das mulheres na organização da Comunidade "Mont Serrat", Morro da Caixa d'Água, em Florianópolis/SC*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. PUC/SP.
- NOTÍCIAS DO DIA. Florianópolis, 12 fev. 2018. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/blog/na-folia/sem-vencer-desde-2010-copa-lord-leva-para-casa-o-20o-titulo-de-sua-historia>>. Acesso em: 12 fev. 2018.
- LATOUR, Bruno. 2012. *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Salvador-Bauru: EDUFBA-EDUSC.

RUCHAUD, Guilherme Galdo. 2016. *Cidade, memória e narrativa*: Reflexões e propostas para a leitura e reconhecimento da história não-oficial. Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo. UFSC.

SOUZA, Eronildo Crispim de. 1992. *Estudo da estrutura interna e das relações sócio-espaciais da comunidade do "Mont Serrat" - Florianópolis-SC*. Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia. UFSC.

SOUZA, João Ferreira de, et al. 1992. *Comunidade Monte Serrat – Memórias*. Florianópolis: Edição da Comunidade.

VEIGA, Eliane Veras da. 2010. *Florianópolis: Memória urbana*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes.